

Sr. Presidente,

Sras e Srs membros do GR,

Sras e Srs deputados

Caros e caras conterrâneos/as madeirenses e portossantenses:

*“- Mãe, tenho fome!, choramingava um dos mais novos. E, já por fim, todos pediam de comer (...). Entrou na cozinha e pendurou a lanterna num prego (...). (...) levantou a tábua sebosa que tapava a panela e tirou de dentro seis batatas para contentar a fome dos garotos que as devoraram em um abrir e fechar de olhos, mesmo por descascar. - Mãe, inda tenho fome – disse um dos mais pequenos com os olhos vidrados de lágrimas. - Cando o dia vér, Deus vai deparar mais uma batatinha, vamos pá cama – obtemperou a mãe. Ela sentia, em seu coração confrangido, a mágoa de não poder saciar a fome às crianças (...). E lembrar-se ela de que o senhorio tinha tantas batatas no armazém que até apodreciam. (...) um criado enchia caçarolas delas para ir deitar nos gamelões dos porcos. E [a mãe] quase não dormiu essa noite a pensar naquelas alminhas que sempre iam para a cama cheiinhas de fome, com a barriga vazia”.*

Este excerto d'A Canga, de HBG, escrita nos distantes anos 40 do século passado, descrevia uma crua realidade que, volvido mais de meio século, repete-se em muitos lares madeirenses. A realidade da fome e da pobreza, que teima em persistir e que nenhuma renovação dá mostras de travar!

Este orçamento, o primeiro deste GR, discute-se a poucos dias da Festa. Uma Festa que será difícil e penosa para milhares de famílias e de crianças que, frequentemente, vão *para a cama cheiinhas de fome, com a barriga vazia*. Uma Festa penosa para milhares de pessoas que engrossam as fileiras do exército de pobres e do batalhão de desempregados, que definham nas traseiras de uma terra que é a 'melhor região insular do mundo', mas que mantém a canga da austeridade sobre os seus. Esta terra, colorida pelas luzes da Festa, e montra iluminada que ofusca tanta dificuldade das suas gentes, que não tem um governo capaz de aliviar a austeridade e a política de sacrifícios imposta aos seus, e que garanta a satisfação das necessidades mais básicas a um povo expropriado da sua dignidade, envergonhado por ter fome, sofrido por não ter como alimentar os filhos.

Neste cantinho do céu, no meio do Atlântico, que tanto nos enche de contentamento por ser, agora, “a melhor região insular do mundo”, há muito ranger de dentes e desespero, fruto do 'assalto à mão armada' perpetrado por sucessivas governações de que os senhores são legítimos herdeiros e

politicamente co-responsáveis e incapazes. Co-responsáveis pelo roubo do subsídio de insularidade aos funcionários públicos. Co-responsáveis pelo empobrecimento dos madeirenses, a quem subtraíram muitos milhões de euros ao aumentarem os impostos sobre o trabalho e sobre o consumo, como não havia memória em tempos de Autonomia. Co-responsáveis pela indigência em que vivem milhares de idosos muito pobres, a quem sempre recusaram, e continuam a recusar, um complemento de pensão, que os retire da miséria. Incapazes de tomar medidas de redução fiscal que permita a milhares de madeirenses conseguir ter mais do que um papo-seco por dia. Incapazes de ter uma estratégia, um plano ou uma ideia de como retirar milhares de conterrâneos nossos das malhas do desespero causado por tantos sacrifícios.

Sr. Presidente,

Sras e Srs membros do Governo,

Sras e Srs deputados do PSD:

Um Orçamento e um Plano de Investimentos tem que ser mais do que dois “calhamaços” de papel e um conjunto de números, mais ou menos frios. Devem ser, antes de mais, um manual de intenções que traduzem as opções políticas de uma governação. E as opções políticas traduzidas neste OR e Plano não são as de responder à crise humanitária que a austeridade, imposta pelo vosso PSD, criou. E não nos digam que não há condições para devolver o que foi roubado. Antes de 2011, existia subsídio de insularidade. Havia de onde tirar! Antes de 2011 o Imposto sobre os combustíveis era 15% mais baixo. Havia de onde tirar. Antes de 2011 tínhamos o IVA, o IRS e o IRC, 30% mais baixo que no restante território nacional. E havia de onde tirar. E não! Não nos venham gritar que o problema o rombo nas contas da Região foi o que gastávamos, então, com estas medidas favoráveis às pessoas. O rombo surgiu da megalomania de gastar fortunas em elefantes brancos, num Jornal que era a voz do dono, nas Sociedades de Desenvolvimento despesistas, nos milhões aos futebóis, nas borlas aos empresários amigalhaços e nos monopólios criminosamente entregues de mão-beijada a gente que enriqueceu à sombra das vossas governações. Com a maioria dos senhores, que aí estão sentados a aplaudir, e alguns a beneficiar! Sr. Presidente do Governo, no caso concreto deste OR, e gritem o que gritarem os Srs. Deputados da maioria, não se vislumbra uma luz ao fundo do túnel no que diz respeito à satisfação das carências sociais de uma população martirizada pela pobreza e pela necessidade.

O OR tinha que responder a esta calamidade. O combate à pobreza é, Sr. Presidente do Governo, tem que ser, a principal prioridade da sua governação. Deixe-se de inventar desculpas para passar

por cima disto. O pouco que há, tem que ser para combater a pobreza, para reforçar os cuidados de saúde, valorizar a Escola Pública e reforçar de serviços públicos essenciais e de qualidade. Os apoios aos privados, aos futebóis, às SD's falidas e as viagens turísticas às Caraíbas e à África Austral devem ser reduzidos ao mínimo essencial.

Temos que cuidar das traseiras sociais da, agora, “melhor região insular do mundo” que não pode ter verdadeiros guetos como o Bairro da Nogueira, o Bairro da Palmeira ou da Bemposta, entre outros, que precisam de urgente requalificação física e social. Temos que ultrapassar a estúpida proibição de contratar pessoal para a Administração Pública que nos impede de ter mais trabalhadores sociais para ajudarem na requalificação social dos aglomerados populacionais de risco, precisamos de mais instrumentos de apoio à população idosa que morre sozinha em casa. Precisamos de maior empenho e cuidado no acompanhamento das altas problemáticas, conferindo às pessoas que são deixadas à sua sorte numa qualquer cama de hospital, ou de outra instituição, todo o apoio, que neste momento falha de uma forma gravíssima. Precisamos de dotar as escolas de trabalhadores sociais que, em articulação com os directores de turma e psicólogos, trabalhem o meio familiar dos alunos provenientes de meios problemáticos ou que demonstrem ter comportamentos de risco. Precisamos de reforçar o apoio e acompanhamento a milhares de pessoas que, por via da crise, desenvolveram problemas psíquicos e que entopem os serviços de psiquiatria, que a muito custam dão insuficientes respostas.

Precisamos, em suma, Sr. PGR, de um Orçamento de rosto humano que transforme os frios números em calorosos apoios àqueles que mais necessitam. Se fosse essa a essência deste Orçamento, como dizia aquela mãe d'A Canga, de HBG, “*A Festa (...) talvez deparasse um cento de patacas (...)*”. Mas não! Os madeirenses, nestes anos da desgraça de 2015, e em 2016, com este orçamento e Plano, precisam de um milagre para saírem da situação de desespero em que o seu partido os colocou. Mas convenhamos, que com estas opções políticas, nem as rosas do seu roseiral podem ser transformadas em pão. Nem o Sr. é a rainha Santa Isabel.